

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

RICARDO JOSÉ EVANGELISTA

**AS CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA
E OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA FÉ CRISTÃ**

ANÁPOLIS – GO
2017

RICARDO JOSÉ EVANGELISTA

**AS CARTAS DE SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA
E OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA FÉ CRISTÃ**

Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do diploma de graduação em Bacharel em Teologia da Faculdade Católica de Anápolis sob a orientação do Prof. Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS – GO

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

RICARDO JOSÉ EVANGELISTA

As cartas de santo Inácio de Antioquia e os elementos essenciais da fé cristã

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado em 07 de Março de 2017 a Faculdade Católica de Anápolis para a obtenção do título de Bacharel em Teologia com a nota 10,0.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M



Prof. Pe. Fábio Aparecido Barbosa



Prof. Tobias Dias Goulão

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEC (*Catechismus Ecclesiae Catholicae*) – Catecismo da Igreja Católica

LG – *Lúmen Gentium*

AP – *Ad Pascendum*

UR – *Unitatis Redintegratio*

EC – *Ecclesia de Eucharistia*

SC – *Sacramentum Caritatis*

RESUMO

EVANGELISTA, Ricardo José. As cartas de Santo Inácio de Antioquia e os elementos essenciais da fé crista. Trabalho de Conclusão do Curso de Teologia – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2017.

Este trabalho foi realizado com o objetivo de relacionar o que Santo Inácio de Antioquia escreveu em suas sete exortações durante o caminho do seu martírio com os elementos essenciais da fé crista presente nos ensinamentos da Igreja Católica, e contextualizar suas ideias com os dias atuais, demonstrando o quanto ainda é real aos cristãos o zelo pela unidade para com Deus e os irmãos, pelo sacrifício que nos alcançará o céu e a constância de ter sempre Jesus ao nosso lado. A pesquisa e seu resultado aqui apresentado contemplam toda a sagacidade de um santo que para fazer-se santo, quis que os demais também fossem santo.

Palavras-chave: padres da Igreja, unidade, martírio, fé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. INÁCIO DE ANTIOQUIA, O PORTADOR DE DEUS.	7
1.1 A ANTIOQUIA DE SANTO INÁCIO.....	7
1.2 O TEÓFORO.....	9
1.3. O MARTÍRIO	11
2. AS CARTAS.....	15
2.1 O CONTEÚDO CENTRAL DAS CARTAS	16
2.2 UNIDADE ENTRE OS CRISTÃOS.....	17
2.3 HIERARQUIA E UNIDADE	18
2.4 O BISPO COMO REPRESENTANTE DA COMUNIDADE.....	19
2.5 A CONTRIBUIÇÃO DOS DIÁCONOS.	21
2.6 A MISSÃO NAS COMUNIDADES.....	22
2.7 CRISTO, SENTIDO DA VIDA.....	23
2.8 CRISTO, E A SUA IGREJA.....	25
2.9 A RESSURREIÇÃO DA CARNE	25
2.10 OS INIMIGOS DE CRISTO	26
2.11 A FORÇA DA ORAÇÃO E DOS SACRAMENTOS	26
2.12 A DEFESA DA UNIDADE.....	27
2.13 O EXERCÍCIO DA CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO	28
3. ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NOSSA FÉ	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

No início do segundo século (107-110), a caminho do seu martírio, Inácio escreveu algumas cartas direcionadas a diferentes comunidades cristãs. Desapegado desta vida, almeja o encontro com Cristo. Sente o desejo de despertar a consciência dos cristãos para o perigo que ameaçava a fé deste povo.

Preso por causa da fé foi julgado e por ser uma pessoa influente, as autoridades da época o levaram até Roma, para se exibido ao povo. Seu testemunho como bispo foi tão determinante para a comunidade dos cristãos, que não só o acompanhavam durante a sua peregrinação para o martírio como também se aconselhavam e se confortavam com suas palavras. No decorrer de sua viagem, ia alicerçando a Igreja nas várias cidades por onde passava, com sermões e conselhos e, sobretudo encorajava o povo a evitar as heresias e preservassem a tradição dos apóstolos.

As cartas de Inácio constataam elementos característicos da vida cristã: a estrutura hierárquica da comunidade eclesial, a unidade que liga entre si todos os fiéis em Cristo, a representatividade do bispo em relação à comunidade, a unidade da hierarquia, a posição dos diáconos, o espírito missionário, a cristologia, a revelação que leva a Cristo e sobre a sua Igreja, sobre a ressurreição dos mortos, a firmeza na fé, na oração e na Eucaristia.

A partir de suas cartas percebe-se a clara imagem da dignidade hierárquica e prestígio são dados ao bispo. Exorta a todos a colocar os esforços para fazer tudo em concordância com Deus, com o bispo, que toma o lugar de Deus e pelo exemplo dos Apóstolos, com os diáconos.

Seu ardor e entusiasmo para o martírio o fez assemelhar-se a Cristo seu Senhor. Com o martírio praticou a verdadeira e perfeita imitação de Cristo. Portanto, só aquele que está pronto a sacrificar sua vida por Cristo é um verdadeiro discípulo d'Ele.

1. INÁCIO DE ANTIOQUIA, O PORTADOR DE DEUS.

De acordo com Eusébio de Cesaréia, “Evódio foi o primeiro bispo estabelecido em Antioquia; depois ilustrou-se o segundo, Inácio, nessa mesma ocasião” (EUSÉBIO, 2000, p. 139). Durante seu apostolado, foi acusado ante as autoridades e condenado a morrer por ter negado a adorar os deuses do império. Foi preso e enviado à Roma para sofrer o martírio. No trajeto de sua morte, foi escrevendo cartas aos povos por onde passava. Tinha como propósito, ser imitador da paixão de Jesus Cristo, razão pela qual estava disposto a enfrentar a morte e através dela chegar a ser um modelo vivo de Cristo.

1.1 A ANTIOQUIA DE SANTO INÁCIO

Antioquia terceira cidade do império depois de Roma e Jerusalém foi uma importante cidade do império romano e essencial na história do cristianismo. No contexto bíblico são mencionadas duas cidades com o nome de Antioquia: a da Síria (cf. At 11, 19) e a da Pisídia (cf. At 13,14). A Antioquia de Santo Inácio é a que está localizada na Síria. Margeada pelo Rio Orontes, também ficou conhecida como Antioquia do Orontes. Antioquia foi o refúgio dos cristãos durante as perseguições contra a Igreja. Muitos nesta cidade acabaram se convertendo ao cristianismo, onde grande parte da população era de pagãos. “Havia em Antioquia, na Igreja local, profetas e doutores” (At 13, 1) . Impregnada de cultura helenista, constituiu desde o início um lugar importante para o desenvolvimento da Igreja cristã.

Santos (2006, p. 36) pontuou que Antioquia da Síria

É a capital da província romana da Síria, localizava-se à margem oriental do rio Orontes, cerca de 30 quilômetros do rio Mediterrâneo. [...] Coube a Seleuco I Nicator a [...] fundação desta província, por volta de 300 a.C. [...] Em Antioquia da Síria muitos aderiram ao cristianismo, como Nicolau, um dos sete primeiros diáconos da Igreja (At 6,5). Na época da perseguição, que tinha como um dos comandantes Saulo, de Tarso, os discípulos abandonara Jerusalém; muitos chegaram a Antioquia (At 11, 19-20). Tempos depois se tornou uma importante referência para os missionários Paulo e Barnabé (At 13, 1-3; 15, 36-41; 18, 22-23).

Durante a era apostólica, Antioquia foi considerada uma importante cidade e sua história faz parte da essência da Igreja. Citada por diversas vezes na sagrada escritura, a mais famosa referência relata no Novo Testamento que em Antioquia os seguidores de Jesus foram chamados de cristãos. Um dos sete diáconos ali foi

escolhido (cf. At 6, 5). Cristãos de Jerusalém após perseguição se refugiaram em Antioquia onde também Santo Estevão foi morto, e tornou-se mártir da Igreja.

Segundo Hamman (1985, p. 15),

é de Antioquia que Paulo parte para plantar a cruz na Ásia Menor e na Grécia. O Apocalipse fornece-nos o nome de sete cidades que possuem, cada uma, um bispo; estão agrupadas na parte ocidental da Anatólia; Antioquia herda o patrimônio espiritual de Jerusalém, depois do saque desta cidade. Torna-se um dos pontos altos da fé e da vida cristãs; Sua liturgia vai impregnar e influenciar a igreja grega. Em Antioquia, João Crisóstomo exerceu o ministério sacerdotal quanto é chamado para governar a Igreja de Constantinopla.

A fundação da Igreja de Antioquia deu-se através das pessoas que haviam se dispersado por causa da morte de Estevão (cf. At. 11, 19). Partiram então para Fenícia, Ilha de Chipre e também Antioquia, evangelizando de modo particular os judeus. Alguns cipriotas e cireneus, estando em Antioquia, anunciaram a boa nova de Jesus também aos gregos (cf. At. 11, 20). “A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número daqueles que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor” (At. 11, 21).

Fundada por volta do ano 300 a.C., por Seleuco Nicátor, com nome de *Antiokkeia*, (cidade de Antíoco), tornou-se capital do império selêucida e grande centro do Oriente helenístico. Conquistada pelos Romanos por volta do ano 64 a.C., conservou seu estatuto de cidade livre e foi a terceira cidade do Império depois de Roma e Alexandria (no Egito), chegando a abrigar 500 mil habitantes. Foi evangelizada pelos apóstolos Pedro, Paulo e Barnabé. Tornou-se metrópole religiosa, sede de um patriarcado e centro de numerosas controvérsias, entre elas o arianismo, o monofisismo, o nestorianismo. Sempre se constituiu na Igreja-mãe do Oriente (Padres Apostólicos 2015 p. 71).

Como exposto nos Atos dos Apóstolos em Antioquia surgiu uma promissora comunidade cristã. Por meio de Barnabé e Saulo, a evangelização tomou grandes proporções em Antioquia “[...] e ensinaram numerosa multidão. E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, receberam o nome de cristãos” (At 11, 26).

A importância de Antioquia para a Igreja foi marcante por vários fatores: foi a primeira comunidade fixada fora da Palestina; se tomou pela primeira vez, a opção de admitir os pagãos na comunidade e não somente os judeus, foi uma comunidade fundada por judeus cristãos, que configuraram um estilo de cristianismo diferente de Jerusalém, tanto teológica como organizativamente. Em Antioquia se expressiu pela primeira vez um cristianismo de orientação missionária.

Foi também de Antioquia que Pedro, Paulo e Barnabé partiram para grandes peregrinações missionárias. Os apóstolos deviam cumprir um ministério universal:

"Ide e pregai o Evangelho a toda a Criatura e todos os que crerem e forem batizados serão salvos" (Mc 16,15).

Conforme os antigos prólogos, Eusébio († 339), Jerônimo († 419-420) e outros, Lucas é originário de Antioquia da Síria; a tradição tem uma certa confirmação no livro dos Atos, onde o autor demonstra-se particularmente informado e interessado pela história da Igreja antioquena (SEEANNER, 2013, p. 61).

São João Crisóstomo também de Antioquia é considerado um dos maiores teólogos da Igreja Oriental. Reconhecido como excelente pregador e escritor, deixou importantes obras em forma de homilias, exortações e comentários às Sagradas Escrituras.

Antioquia se transformou muito cedo num centro de expansão do cristianismo sobre o meio helenístico pagão e a partir daí a obra missionária se desenvolveu com mais intensidade. De lá se originam alguns dos documentos mais antigos do cristianismo.

Também há de se destacar as acirradas disputas entre as Escolas de Antioquia e Alexandria. A Escola de Antioquia tem suas origens com Luciano de Antioquia, no século IV; desenvolveu-se bastante com Diodoro de Tarso e alcançou seu auge com São João Crisóstomo. Essa escola privilegiava mais o pensamento aristotélico e era mais racionalista que a de Alexandria e utilizava da interpretação literal da Sagrada Escritura (COSTA, 2014, p. 22).

Por fim, Antioquia que foi cenário para que tantos homens se tornassem santos, ficou reduzida depois de muitas guerras e sucessivas ocupações a uma pequena população cristã e uma pequena porção da Igreja.

1.2 O TEÓFORO

As perseguições do império Romano aos cristãos durante os primeiros séculos foram violentas e cruéis. Absurdas acusações recaíram sobre os cristãos e diante de tal fato, o imperador Trajano declara guerra aos cristãos. Do seu retorno a Roma, após a conquista da Dácia – atual Romênia – foram realizados eventos comemorativos que culminaram na morte de cristãos na arena para delírio dos espectadores.

Foram condenados a serem devorados por animais selvagens, pelo simples fato de serem cristãos. Dentre as vítimas, destaca-se Inácio o bispo de Antioquia

que fora preso e julgado. Como prisioneiro partiu da Síria até Roma escoltado por um esquadrão de soldados sob vigilância severa de quem chamava os dez leopardos (cf. Romanos 5,1).

Sobre qual posição ocupou à frente da Igreja de Antioquia, consta certa indecisão, pois Eusébio em sua História Eclesiástica diz que ele fora o segundo bispo de Antioquia: “Mas, depois que Evódio fora estabelecido o primeiro sobre os antioquenos, Inácio, o segundo, reinava no tempo do qual falamos” (EUSÉBIO, 2000, p. 139), já São Jerônimo no século IV dizia “Inácio, terceiro bispo, depois do apóstolo Pedro, da Igreja de Antioquia” (Padres Apostólicos, 2015, p. 73).

Acima de tudo ele era um pastor de almas, no amor com Cristo e preocupado apenas em conduzir o rebanho que a ele tinha sido confiado. Podemos perceber a dedicação de Inácio pelo conteúdo das cartas que ele escreveu para várias comunidades cristãs, enquanto seguia para a morte.

Ao referir-se a Santo Inácio, HAMMAN (1985, p. 15) diz que

é sem dúvida, juntamente com o Papa Clemente de Roma, o primeiro escritor da Igreja, vindo do paganismo, preparado pelos filósofos gregos. [...] Em uma época em que a primeira literatura cristã ainda permanece sob os moldes judaicos, as cartas de Inácio só conservam como herança os valores bíblicos e espirituais.

Por seu conteúdo, estas cartas contém grande importância doutrinária. Alguns dos pontos abordados são determinados pelas polêmicas relacionadas contra as heresias difundidas na época, especialmente o docetismo, que negava a realidade da Encarnação do Verbo. Santo Inácio expressa energicamente a verdadeira divindade e verdadeira humanidade do Filho de Deus:

‘Estais firmemente convencidos, acerca de nosso Senhor, que é verdadeiramente da raça de Davi segundo a carne’ (Rm 1,3), Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus (cf. Jo 1,13); verdadeiramente nascido de uma virgem [...], ele foi verdadeiramente pregado na sua carne, [à cruz] por nossa salvação sob Pôncio Pilatos [...] ele sofreu verdadeiramente, como também verdadeiramente ressuscitou verdadeiramente (CEC nº 496).

Estas cartas são “cartas de um grego, para quem o grego é a língua de sua alma e de sua sensibilidade, de sua cultura e de seu pensamento”. (HAMMAN, 1985, p. 16). Quanto aos aspectos literários, Inácio adota a forma e as características literárias do helenismo (cf. HAMMAN, 1985, p. 16).

Enquanto bispo, seu governo administrava uma Igreja “de origem estritamente helênica. Ela é um testemunho da primeira expansão da evangelização.” (HAMMAN, 1985, p. 16). Tamanho era o prestígio de Santo Inácio que “as Igrejas das cidades

da Ásia por onde ele não ia passar enviavam delegações” (HAMMAN, 1985, p. 16) para encontrá-lo.

Hamman (1985, p. 17-20) destaca que

Inácio possui senso humano e respeito ao homem. A dificuldade não está em amá-lo todos, mas em amar cada um deles; e, em primeiro lugar, o pequeno, o fraco, o escravo, aquele que nos magoa ou que nos faz sofrer, como escreve e o recomenda a Policarpo. [...] Ele conquistou o domínio de si a custa de paciência, palavra que lhe é querida e que o caracteriza. Este temperamento impulsivo, impetuoso, tornou-se brando, vencendo a irritação que reprovava em si. [...] O amadurecimento muda sua lucidez em vigilância, sua força em persuasão, sua caridade em delicadeza. [...] A responsabilidade que tem sobre os outros não lhe fez perder a lucidez a respeito de si mesmo. Ele se conhece bem. Sabe que é sensível aos elogios, propenso a irritação.

“Embora oriundo de Antioquia, seu nome deriva do latim *igne* = fogo, e *natus* = nascido” (Padres Apostólicos, 2015, p. 73) de sobrenome “Teóforo, o que traz em si Deus” (AQUINO, 2016, p. 130). Homem nascido do fogo, com o coração ardente, apaixonado por Cristo, pela Igreja e sua unidade e o desejo de imitação de seu mestre. Recebeu o codinome de Cristóforos (portador de Cristo). Conheceu os apóstolos em sua juventude e foi instruído nos mais profundos mistérios da fé.

A Igreja de Antioquia o celebra a 17 de outubro, data que se encaixa melhor com a data da Carta aos Romanos (24 de Agosto). A liturgia latina o festeja a 1º de fevereiro. A escolha do evangelho da celebração alude à lenda que pretende ver naquela criança que Jesus tomou nos braços em Mc 9,33, o menino Inácio. Daí ser cognominado “*Theoforos*”, isto é, carregador de Deus (Padres Apostólicos, 2015, p. 74).

Santo Inácio provou ser um homem de grande coração quando aceitou a função de levar Cristo aos cristãos perseguidos. De forma receptiva demonstrou agradecimento pelo acolhimento dos primeiros cristãos que contagiados pelo amor de Deus souberam compreender sua mensagem e seu sofrimento, acompanhando-o durante sua peregrinação para a morte. Graças a sua intensa vida interior, Santo Inácio tenta fazer o maior bem nos lugares por onde passa, oferecendo aos demais o tesouro dos dons que o Espírito Santo lhe deu. Soube instruir com grande humildade, mas não hesitou ser enérgico quando necessário.

1.3. O MARTÍRIO

As perseguições aos cristãos durante os primeiros séculos eram marcadas por ações cruéis e com muita violência.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica o martírio é

o supremo testemunho prestado à verdade da fé; designa um testemunho que vai até a morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Enfrenta a morte num ato de fortaleza (CEC. 2473).

A Igreja compilou em livros todas as informações possíveis referente às ações de todas as pessoas que deram o seu sangue para testemunhar a fé. “[...] São as Atas dos Mártires. Constituem os arquivos da verdade escritos em letras de sangue” (CEC. 2473).

Jesus ao sacrificar sua vida demonstrou todo o seu amor pela humanidade. Não há maior ato de amor do que dar a vida por Jesus e pelo próximo. Desde o início dos tempos alguns cristãos foram chamados a dar o testemunho supremo diante de todos, especialmente dos perseguidores. O martírio é apontado pela Igreja como uma demonstração suprema de amor, pois ao aceitar morrer pela salvação do próximo, o indivíduo assume as características de Jesus. Poucos recebem o dom do martírio, mas devemos estar preparados para propagar o sacrifício de Cristo diante dos homens e segui-lo no caminho da cruz, em meio às perseguições, que nunca faltam à Igreja (cf. CATÃO, 2013, n. 398).

“[...] A Igreja sempre acreditou que os apóstolos e os mártires de Cristo que, derramando seu sangue, deram o testemunho supremo de fé e de amor, estão particularmente unidos a nós” (CATÃO, 2013, n. 420).

Observando por meio da Carta de São Clemente Romano aos Coríntios verificamos o martírio de São Paulo e de São Pedro em Roma. Quanto ao martírio de São Pedro, assim se expressa:

Pedro, pela inveja injusta, suportou, não uma ou duas, mas muitas fadigas e, depois de ter prestado testemunho, foi para o lugar glorioso que lhe era devido; e sobre o martírio de São Paulo: Por causa da inveja e da discórdia, Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama da sua fé (Padres Apostólicos, 2015, p. 27).

Os capítulos 6 e 7 dos Atos dos Apóstolos fazem referência ao martírio de Santo Estêvão, considerado o primeiro mártir da história católica. Era um dos homens de confiança dos apóstolos; falou e defendeu Jesus Cristo, que entre os judeus gerou grande descontentamento. “E arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. [...] e apedrejaram Estevão” (At. 7, 58).

São Pedro e São Paulo também não escaparam do martírio:

São Paulo enquanto ainda se chamava Saulo, era fariseu e perseguidor dos cristãos. Tendo ascendido a conversão, passou a ser perseguido e sofrer

ameaças de morte por propagar a fé em Jesus Cristo. Foi perseguido em Antioquia da Pisídia, em Icônio, em Listra (cf. At 14, 19-27), preso em Filipos e ao voltar à Roma foi preso e condenado à morte.

Como cidadão romano Paulo não podia ser condenado à cruz, como o fora Pedro. Foi, no entanto, decapitado sob o domínio de Nero, provavelmente em 67. Como local do martírio uma tradição bastante constante indica *Ad Aquae Salviae* (hoje se chama *Tre Fontane*). O sepulcro sob a *confessio* na Basílica *Sao Paolo fuori le mure* corresponde ao lugar da primitiva sepultura. S. Pedro sofreu o martírio, segundo os testemunhos de antigos escritores, sob o imperador Nero, segundo muitos, no ano 67. Teria sido crucificado de cabeça para baixo (SEEANNER, 2014, p. 10).

O ardor e entusiasmo pelo martírio fizeram manifestar em Inácio o desejo de assemelhar-se a Cristo na mais perfeita imitação de seus atos. Portanto, aquele que está preparado para sacrificar sua vida por Cristo é o seu verdadeiro discípulo: [...] “ainda não atingi a perfeição em Jesus Cristo, [...] estou começando a aprender, e vos dirijo a palavra como a condiscípulos meus” (Inácio aos Efésios, 3,1).

Agora estou começando a me tornar discípulo. Que nada, visível ou invisível, por inveja, me impeça de alcançar Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamentos de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo, que os piores flagelos do diabo caíam sobre mim, com a única condição de que eu alcance Jesus Cristo. Para nada me serviriam os encantos do mundo nem os reinos deste século. Para mim, é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra. Procuro aquele que morreu por nós; quero aquele que por nós ressuscitou. Meu parto se aproxima. Perdoai-me irmãos. Não me impeçais de viver, não queirais que eu morra. Não me abandoneis ao mundo, não seduzais com a matéria quem quer pertencer a Deus. Deixai-me receber a luz pura; quando tiver chegado lá, serei homem (Inácio aos Romanos, 5,3; 6,1.2).

Fazendo referência a crucificação e ao sacrifício de Jesus Cristo Santo Inácio deixa claro que “para sofrer com ele, eu suportou tudo, e é ele quem me dá forças, ele que se fez homem perfeito” (Inácio aos Esmirniotas,4,2).

Na sua primeira carta São Pedro encorajou os cristãos a suportar o sofrimento, confiantes na vitória em Cristo (cf. I Pd 5.8-10).

Por muito tempo houve grande perseguição a Igreja em razão de intrigas, leviandade e excesso de poder. Nos primeiros tempos do Cristianismo, os Apóstolos também derramaram seu sangue para dar o testemunho de Cristo. No Século I encontramos os relatos sobre o martírio daqueles que dedicaram suas vidas por Cristo. Tiago irmão de João foi o primeiro apóstolo de Cristo a morrer martirizado, onde o rei Herodes ordenou que fosse decapitado à espada. (cf. At 12,1-5).

Tertuliano expressava o martírio dizendo que o sangue dos mártires era semente de novos cristãos. AQUINO (2016, p. 251) referindo-se aos escritos de Tertuliano de Cartago, escritor cristão do século II:

Por mais requintada que seja, escreve ele, de nada serve a vossa crueldade: aliás, para a nossa comunidade ela é um convite. A cada vosso golpe de foice nós tornamo-nos mais numerosos: o sangue dos cristãos é uma sementeira eficaz (*semen est sanguis christianorum!* – Apologeticum, 50,13).

No entendimento dos Padres da Igreja o martírio comparava-se ao martírio do próprio Cristo, imitação e atualização por excelência. Santo Inácio veementemente procurou imitar os passos de Jesus, professando sua fé em Cristo diante das autoridades, e sua fidelidade aos passos do mestre o conduziu aos suplícios do cárcere. A violência de sua morte o colocou em profunda união com Jesus Cristo.

Eusébio de Cesareia, ao escrever a História Eclesiástica, descreveu o martírio dos Apóstolos e a ira de Nero contra os cristãos:

Quando Nero viu consolidado seu poder, começou a empreender ações ímpias e muniu-se contra o culto do Deus do universo. [...] A sede de sangue nele chegou a tal ponto que não poupou nem parentes, nem amigos. Igualmente tratou a mãe, os irmãos, a esposa e inúmeros consanguíneos quais inimigos particulares e públicos, eliminando-os por variados gêneros de morte. Debite-se lhe ainda o fato de ter sido o primeiro dos imperadores a mostrar-se contra a piedade para com Deus. [...] Foi também ele, o primeiro de todos os figadais inimigos de Deus, que teve a presunção de matar os apóstolos. Com efeito, conta-se que sob seu reinado Paulo foi decapitado em Roma. E ali igualmente Pedro foi crucificado (EUSÉBIO, 2014, p. 109).

Na sua carta dirigida ao povo de Roma, Inácio deixa bem claro o seu desejo de martírio e ainda faz uma suplica, para que não fosse impedido de alcançar tal desejo:

Escrevo a todas as Igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus, caso vós não me impeçais de o fazer. Eu vos suplico que não tenhais benevolência inoportuna por mim. Deixai que eu seja pasto das feras, para que me apresente como trigo me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. Ao contrário, acaríciai as feras para que se tornem minha sepultura, e não deixem nada do meu corpo, para que, depois de morto, eu não pese a ninguém. Então eu serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não vir mais meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que eu, com esses meios, seja vítima oferecida a Deus (Inácio aos Romanos, 4, 1-2).

2. AS CARTAS

Conforme observado, Santo Inácio de Antioquia escreveu sete cartas a caminho de Roma, onde deveria sofrer o martírio. Quatro cartas foram escritas a partir de Esmirna para as Igrejas de Éfeso, Magnésia, Trales e Roma, onde agradece o carinho que recebera, advertia o povo para que permanecem firmes contra as heresias, encorajava-os a estarem unidos com seus bispos. As outras escreveu de Trôade à Igreja de Esmirna, ao Bispo Policarpo e a Igreja da Filadélfia. Estas últimas são muito semelhantes em relação ao conteúdo das primeiras quatro cartas, fazendo referência ainda ao fim da perseguição em Antioquia e ainda oferece a Policarpo conselhos de como exercer bem suas funções de bispo.

As cartas de Santo Inácio são excelente fonte para o conhecimento do carisma e governo da Igreja primitiva, com todo o seu zelo e afeto. Demostram ainda os sentimentos de Inácio cheios de amor por Cristo.

Através delas, observamos com clareza o desejo de Inácio em revelar algumas das verdades fundamentais de nossa fé, por meio de seu testemunho de vida. Assim, Jesus Cristo ocupa o lugar central na história da salvação, e os profetas que anunciaram sua vinda eram em espírito seus discípulos; Cristo que é Deus, tornou-se homem, seu corpo transformou-se em carne humana que sofreu até a morte.

É nessas cartas que encontramos pela primeira vez a expressão 'Igreja católica' como referência a todos os cristãos. A Igreja é chamada o 'lugar do sacrifício', é provável que isto referia-se a Eucaristia como o sacrifício da Igreja, alusão a carne de Cristo que sofreu por nossos pecados.

A hierarquia da Igreja, formada por bispos, presbíteros e diáconos, com suas respectivas funções, aparece de forma tão clara em seus escritos. O bispo representa Cristo, o mestre, quem está unido a ele, está unido a Cristo, o sumo sacerdote e administrador dos sacramentos. Quanto ao matrimônio, Santo Inácio, segue os conselhos de São Paulo: que as mulheres amem seus maridos e o maridos suas esposas assim como Cristo ama a sua Igreja e ainda recomenda a virgindade àqueles que sintam-se capazes.

Em Santo Inácio, a vida do cristão consiste em imitar a Cristo, seguindo fielmente seus exemplos, especialmente dando a vida em benefício aos irmãos, chegando até mesmo a paixão e morte conforme Cristo, se preciso fosse:

Tenho escrito a todas as Igrejas e a todas elas faço saber que moro por Deus com alegria, desde que vós não me impeçais. Suplico-vos: não demonstrei por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser alimento das feras; por elas pode-se alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, serei triturado pelos dentes das feras para tornar-me o puro pão de Cristo. Rogai a Cristo por mim, para que por este meio me torne sacrifício para Deus.

Nem as delícias do mundo nem os reinos terrestres são vantagens para mim. Mais me aproveita morrer em Cristo Jesus do que imperar até os confins da terra. Procuro-o, a ele que morreu por nós; quero-o, a ele que por nossa causa ressuscitou. Meu nascimento está iminente. Perdoai-me, irmãos! Não me impeçais de viver, não desejeis que eu morra, eu, que tanto desejo ser de Deus. Não me entregueis ao mundo nem me fascineis com o que é material. Deixai-me contemplar a luz pura; quando lá chegar, serei homem. Concedei-me ser imitador da paixão de meu Deus. Se alguém o possui no coração, entenderá o que quero e terá compaixão de mim, sabendo quais os meus impedimentos.

O príncipe deste mundo deseja arrebatá-me e corromper meu amor para com Deus. Nenhum de vós, aí presentes, o ajude! Ponde-vos de meu lado, ou melhor, do lado de Deus. Não podeis dizer o nome de Jesus Cristo, enquanto cobiçais o mundo. Que a inveja não more em vós! Mesmo que eu em pessoa vos rogue, não me acrediteis; crede antes no que vos escrevo, desejando morrer. Meu amor está crucificado, a matéria não me inflama, porque uma água viva e murmurante dentro de mim me diz em segredo: "Vem para o Pai". Não sinto prazer com o alimento corruptível nem com os prazeres deste mundo. Quero o pão de Deus, a carne de Jesus Cristo, que nasceu da linhagem de Davi; e quero a bebida, o seu sangue, que é a caridade incorruptível.

Não quero mais viver segundo os homens. Isto acontecerá se vós quiserdes. Rogo-vos que o queirais para alcançardes também vós a misericórdia. Com poucas palavras dirijo-me a vós; acreditai em mim! Jesus Cristo vos manifestará que digo a verdade; ele, a boca verdadeira pela qual o Pai verdadeiramente falou. Pedi vós por mim, para que o consiga. Não por motivos carnis, mas segundo a vontade de Deus vos escrevi. Se for martirizado, vós me quisestes bem; se rejeitado, vós me odiastes (Inácio aos Romanos 4,1-2; 6,1-8,3).

2.1 O CONTEÚDO CENTRAL DAS CARTAS

Santo Inácio ao escrever suas cartas, em todas elas sempre seguia um mesmo esquema: saudação, elogio das qualidades da comunidade, recomendações para fugir das heresias, estar sempre unidos a Igreja e ao bispo, e por fim uma saudação final com um pedido de preces para a Síria ou o envio de um diácono.

Buscando sempre manter um mesmo perfil, o tema central de suas cartas é a unidade com Deus, com Jesus Cristo, com o bispo e entre todos os cristãos. A unidade pela qual Inácio se refere é a que está ligada com Deus e com Cristo, manifestada na unidade com o bispo. Também em algumas passagens é possível

notar bem definida a hierarquia da Igreja em três graus: bispos, presbíteros e diáconos. Tal é o sentimento de Inácio pela união, que dela faz a fonte viva de onde tira forças para alimentar seu desejo de imitar a Cristo e seguir seu caminho rumo ao martírio.

O martírio também é um assunto bastante notado em seus escritos. Chega a fazer um pedido aos cristãos que não façam nada que o impeça de alcançar a morte. “Deixai-me ser o pasto das feras” (Inácio aos Romanos 4,1). Mas precisamente no capítulo V da carta enviada aos Romanos fica evidente o seu desejo de ser martirizado como Cristo:

Desde a Síria até Roma, luto contra as feras, por terra e or mar, de noite e de dia, acorrentado a dez leopardos, a um destacamento de soldados; quando se lhes faz bem, tornam-se piores ainda. Todavia, por seus maus tratos, eu me torno melhor discípulo, mas nem por isso sou justificado. Possa eu alegrar-me com as feras que me são preparadas. Desejo que elas sejam rápidas comigo. Acariciá-las-ei, para que elas me devorem, logo, não como a alguns dos quais elas tiveram medo e não ousaram tocar. Se, por má vontade, se recusarem, eu as forçarei. Perdoai-me; sei o que me convém. Agora estou começando a me tornar discípulo. Que nada de visível e invisível, por inveja, me impeça de alcançar Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamento de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo que os piores flagelos do diabo caíam sobre mim, com a única condição de que eu alcance a Jesus Cristo (Inácio aos Romanos 5, 1-3).

2.2 UNIDADE ENTRE OS CRISTÃOS

Em todas as suas cartas Santo Inácio de Antioquia se expressa de forma muito amável aos cristãos por onde passou. É aparente em seus escritos uma linguagem intensa, entusiasmante e por vezes dramática que nos leva a interpretar uma realidade vivida por ele e que também seja necessária a comunidade cristã.

Santo Inácio de Antioquia utilizou expressões que constituem a linha de raciocínio de todos os seus escritos e que tudo seja vivido pelas famílias, segundo a vontade de Deus e sempre na unidade com o bispo, com os irmãos e com toda a santa Igreja: “[...] amai a união, fugi das divisões, sede imitadores de Jesus Cristo, como ele também o é de seu Pai” (Inácio aos Filadelfienses 7,2). Alerta-os ainda que não se deixem cair nas tentações do príncipe deste mundo e que permaneçam sempre unidos.

Fugi, portanto, dos maus artifícios e dos enganos do príncipe deste mundo, para que não sejais atribulados pelo pensamento dele e não enfraqueçais no amor. Tornai-vos, porém, uma coisa só, um só coração indiviso (Inácio aos Filadelfienses 6,2).

Expressa ainda que tudo se encerra na unidade em Deus e em Jesus Cristo e também no respeito aos irmãos. Agindo assim encontraremos o caminho da salvação.

Tendo todos essa unidade de sentimentos que vem de Deus, respeitai-vos mutuamente. Que ninguém olhe o seu próximo segundo a carne, mas amai-vos uns aos outros em Jesus Cristo (Inácio aos Magnésios 6,2).

O bispo de Antioquia se refere a uma unidade pela qual o pensamento do homem deva estar sempre em concordância com os ensinamentos da Igreja e tudo em “[...] uma só oração, uma só suplica, um só espírito, uma só esperança no amor, na alegria imaculada, que é Jesus Cristo” (Inácio aos Magnésios 7, 1).

2.3 HIERARQUIA E UNIDADE

A unidade defendida por Santo Inácio, só pode ser exercida desde que esteja alicerçada nos ministros de Deus e no próprio Deus. Todo o amor que Santo Inácio demonstra em seus escritos pelo bispo, também pode ser transferido àqueles que estão em união com o bispo.

[...] Por isso vos peço que estejais dispostos a fazer todas as coisas na concórdia de Deus, sob a presidência do bispo que ocupa o mesmo lugar de Deus, dos presbíteros, que representam os colégio dos apóstolos e dos diáconos, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava junto do Pai e por fim se manifestou (Inácio aos Magnésios 6,1).

Segundo o pensamento de Inácio, os cristãos são propriedade de Deus e de Jesus Cristo e tem como tarefa na vida a contínua conversão de modo a estar sempre unidos à Igreja e assim pertencerem de fato a Deus e viver segundo os ensinamentos de Jesus Cristo.

Para se viver santamente segundo o que Jesus Cristo pregou, Santo Inácio exorta que se pratique a humildade e a pureza.

[...] Fazei-o sem encher de orgulho, permanecendo inseparáveis de Jesus Cristo Deus, do bispo e dos preceitos dos Apóstolos. Aquele que está dentro santuário é puro, mas aquele que está fora do santuário não é puro; ou seja, aquele que age sem o bispo, sem o presbitério e os diáconos, esse não tem consciência pura (Inácio aos Tralianos 7, 1-2).

Percebe-se que Santo Inácio demonstra preocupação com a constância da tradição apostólica, que deve ser conservada pela hierarquia da Igreja e posta em prática, para que não caia no esquecimento.

Podemos captar em um trecho dos escritos de Santo Inácio, um verso da liturgia e uma recomendação:

Procurai manter-vos firmes nos ensinamentos do Senhor e dos Apóstolos, para que prospere tudo o que fizerdes na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito, no princípio e no fim, unidos ao vosso digníssimo bispo e à preciosa coroa espiritual formada pelos vossos presbíteros e diáconos segundo Deus (Inácio aos Magnésios 13,1).

Para confirmar a submissão do povo ao bispo, Inácio se entusiasma ao ponto de oferecer-se ele mesmo como resgate dos que se sujeitam a hierarquia da Igreja.

Atendei ao bispo, para que Deus vos atenda. Ofereço minha vida para os que se submetem ao bispo, aos presbíteros e aos diáconos. Possa eu, com eles, ter parte em Deus (Inácio aos Magnésios 6,1).

Nota-se ainda sua felicidade ao expressar-se com as comunidades que conheceu de perto e com as quais transmite os ensinamentos dos Senhor e de como devem guarda-los e também pratica-los.

Possa eu encontrar sempre a minha alegria em vós, caso eu seja digno disso. É preciso glorificar de todos os modos a Jesus Cristo, que vos glorificou, a fim de que, reunidos na mesma obediência, submetidos ao bispo e ao presbítero, sejais santificados em todas as coisas (Inácio aos Efésios 2,2).

Notadamente a união pelos sacramentos torna mais sublime os laços que unem o bispo às pessoas e à comunidade:

[...] Convém que os homens e as mulheres que se casam, contratem sua união com o parecer do bispo, a fim de que seu matrimônio seja feito segundo o Senhor e não segundo a concupiscência. Que tudo seja feito para a honra de Deus (Inácio a Policarpo 5,2).

2.4 O BISPO COMO REPRESENTANTE DA COMUNIDADE

A pessoa do bispo para Santo Inácio representa o próprio Cristo e nada é capaz de separar os cristãos entre si, quando a caridade estabelece que Cristo é o caminho.

[...] Que ninguém olhe o seu próximo segundo a carne, mas amai-vos uns aos outros em Jesus Cristo. Que não haja nada entre vós que vos possa dividir, mas uni-vos ao bispo e aos chefes como sinal e ensinamento de incorruptibilidade (Inácio aos Magnésios 6,2).

No decorrer de seus escritos podemos observar que Santo Inácio deixa bem expresso que a tarefa que o bispo recebeu de Deus e de Jesus se resume unicamente no serviço ao povo a ele confiado. Também dá indicações que há muitos modos de escolher o bispo, seja por eleição ou prestígio, desde que tudo seja orientado conforme as vontades de Deus e de Cristo.

Sei que o bispo, para servir a comunidade, não obteve o ministério, por si mesmo, nem pelos homens, nem por vanglória, mas pelo amor de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo (Inácio aos Filadelfienses 1,1).

Fica evidente, segundo o pensamento de Santo Inácio que onde estiver o bispo também esteja em volta dele toda a comunidade cristã, da mesma forma onde está Jesus Cristo, também está a sua Igreja. Segundo a exortação do bispo de Antioquia “onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica” (Inácio aos Ermirnotas 8,2).

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o Papa Paulo VI diz que sendo a “Igreja constituída e organizada neste mundo como sociedade; é na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em união com ele (LG n. 8)”.

É possível notar em todas as Epístolas o quanto o bispo de Antioquia faz referência ao importante trabalho exercido pelos bispos, presbíteros e diáconos e da sua grande preocupação de manter unida a comunidade em torno deles e dos sacramentos.

Preocupai-vos em participar de uma só Eucaristia. De fato, há uma só carne de nosso Senhor Jesus Cristo e um só cálice na unidade do seu sangue, um único altar, assim como um só bispo com o presbitério e os diáconos, meus companheiros de serviço. Desse modo, o que fizerdes, fazei-o segundo Deus (Inácio aos Filadelfienses 4,1).

Por conseguinte ao escrever aos Tralianos, Santo Inácio intensifica que a função dos presbíteros em relação ao bispo é que estes lhes seja obediente de modo que possam cumprir bem sua tarefa conforme os ensinamentos dos apóstolos e de Jesus Cristo. Somente em comunidade, na mesma obediência, no mesmo pensamento e na mesma oração, é que se torna propício o respeito, a colaboração e a solidariedade.

Permanecei na concórdia e na oração em comum. Com efeito, convém que cada um de vós, particularmente os presbíteros, reconfortem o bispo, para honra do Pai de Jesus Cristo e dos apóstolos (Inácio aos Tralianos 12, 2).

O pensamento de Santo Inácio demonstra que os que se submetem à obediência ao bispo, também se submetem ao Deus Pai de Jesus Cristo que é o bispo de todos. Como consequência disso

[...] para honra daquele que nos amou, é preciso obedecer sem nenhuma hipocrisia, porque não é ao bispo visível que se engana, mas é ao invisível que se mente. Não se fala da carne, mas do Deus que conhece as coisas escondidas (Magnésios 3, 2). [...] Está claro, portanto, que devemos olhar o bispo como ao próprio Senhor (Inácio aos Efésios 6, 1).

As pequenas comunidades cresciam junto com o bispo na amizade e na fé, no entanto, nas grandes cidades, como Éfeso, Santo Inácio advertia aos cristãos

que amassem ao bispo “[...] em Jesus Cristo, e que vos torneis semelhantes a ele” (Inácio aos Efésios 1, 3).

2.5 A CONTRIBUIÇÃO DOS DIÁCONOS.

Ao referir-se aos diáconos, Santo Inácio os enxergava como verdadeiros colaboradores, que exercem sua missão sagrada estritamente ligada à ação do bispo. Adverte que a missão dos diácono consiste em exercer o ministério de Jesus Cristo, o qual antes de todos os séculos estava junto do Pai, até que a nos se manifestou; e ainda adverte que é necessário que os diáconos agradem a todos, pois não são apenas diáconos dos alimentos e das bebidas, mas ministros da Igreja de Deus.

[...] dos diáconos, que são muito caros para mim, aos quais foi confiado o serviço de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava junto do Pai e por fim se manifestou (Inácio aos Magnésios 6, 1).

É preciso, também que os diáconos, ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos os modos. Com efeito, não é de comida e de bebida que eles são ministros, e sim servidores da Igreja de Deus. É preciso, portanto, que eles evitem qualquer tipo de repreensão, como se evita o fogo (Inácio aos Tralianos 2, 3).

A importância do ministério exercido pelos diáconos, pode ser entendida segundo as ocupações que lhes eram confiadas demonstrando quanto prestígio eles alcançaram junto das comunidades cristãs e quão grande foi sua contribuição para a evangelização dos povos.

O diácono é definido como o ouvido, a boca, o coração e a alma do bispo. O diácono, diz-se, está à disposição do bispo, para servir a todo o povo de Deus e assumir o cuidado dos doentes e dos pobres; com justiça e com fundamento, portanto, ele é chamado o amigo dos órfãos, o amigo dos que cultivam a piedade, o amigo das viúvas, fervente no espírito, o amigo das coisas que são boas. É-lhe confiada, ainda, a incumbência de levar aos doentes retidos em casa a Sagrada Eucaristia, de administrar o Batismo e de ocupar-se da pregação da Palavra de Deus, segundo o desejo e a vontade expressa do bispo (AP – Papa Paulo VI, 1972).

O diaconato desenvolveu-se na Igreja contribuindo com a tarefa deixada pelos apóstolos, fazendo com que cada diácono se entregasse totalmente, externando sempre um grande testemunho de amor a Cristo e aos irmãos, realizando boas obras de caridade, empenhando-se na celebração dos ritos sagrados e das tarefas pastorais a eles confiada.

2.6 A MISSÃO NAS COMUNIDADES.

A responsabilidade atribuída aos diáconos de difundir os ensinamentos dos apóstolos alavancou o espírito missionário nos primeiros cristãos. Santo Inácio perfazendo o caminho do calvário, transformou seu sofrimento em missão e por onde passava, praticava cada vez mais sua tarefa de evangelizar. Estando com o bispo Policarpo, exortou-o a acelerar sua missão na evangelização do maior número de pessoas. “Eu te exorto, pela graça de que estás revestido, a apressares tua corrida, e exortares a todos, para que sejam salvos” (Inácio a Policarpo 1, 2).

Santo Inácio demonstrou grande respeito pela missão dos profetas: “[...] os diviníssimos profetas viveram segundo Jesus Cristo” (Inácio aos Magnésios 8, 2), tal qual seu desejo pelo martírio levou-o a imitar suas ações, de modo a apontar a todos o verdadeiro caminho que leva a Cristo Jesus.

Os profetas [...] foram perseguidos, pois eram inspirados pela graça dele, a fim de que os incrédulos ficassem plenamente convencidos de que existe um só Deus, que se manifestou por meio de Jesus Cristo seu Filho, que é o seu Verbo saído do silêncio, e que em todas as coisas se tornou agradável àquele que o tinha enviado (Inácio aos Magnésios 8, 2).

Ao dirigir-se ao bispo Policarpo, deixou transparecer sua vontade de que todos os cristãos sejam testemunhas de Cristo, visto que era compreensível que muitos não se deixavam converter fosse pelo Evangelho ou pelo testemunho dos mártires.

Convém, Policarpo, convocar uma assembleia agradável a Deus e escolher alguém que vos seja caro e também ativo, que poderia ser chamado de correio de Deus. [...] O cristão não tem poder sobre si mesmo, mas está livre para servir a Deus. Essa é a obra de Deus e também a vossa, quando tiverdes realizado isso. Na graça, eu creio que estais prontos para fazer uma boa ação diante de Deus (Inácio a Policarpo 7, 2).

Um grande exemplo de Santo Inácio possibilitou compreender o quanto é necessário estar sempre em harmonia com Deus, por meio da oração e da contemplação, dando sempre exemplos de virtudes, preservando sempre na caridade.

Rezai sem cessar pelos outros homens, pois neles há esperança de conversão, a fim de que alcancem a Deus. Deixai que, ao menos por vossas obras, eles se tornem vossos discípulos. [...] Sejamos irmãos deles pela bondade, e procuremos ser imitadores do Senhor (Inácio aos Efésios 10, 1).

Por assim entender, Santo Inácio, ainda adverte que é preciso estar atento as armadilhas do príncipe deste mundo, mas como verdadeiros cristãos esforçar-se em

estar sempre unido ao coração de Deus e de Jesus Cristo. Seu desejo de ser martirizado se estende como premissa de um modelo a ser seguido.

Para nada me serviriam os encantos do mundo, nem os reinos deste século. Para mim, é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra. Procuro aquele que morreu por nós; quero aquele que por nós ressuscitou. [...] Deixai que seja imitador da paixão de meu Deus. Se alguém tem Deus em si mesmo, compreenda o que quero e tenha compaixão de mim, conhecendo aquilo que me oprime (Inácio aos Romanos 6, 1-3).

Inácio escreve a todas as Igrejas atestando que aceita o martírio por amor e boa vontade. Ao escrever aos Romanos, preconiza o martírio e estabelece uma relação com Cristo que se fez alimento.

Escrevo a todas as Igrejas e anuncio a todos que, de boa vontade, morro por Deus, caso vós não me impeçais de o fazer. Eu vos suplico que não tenhais benevolência inoportuna por mim. Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo. Ao contrario acaríciai as feras, para que se tornem minha sepultura, e não deixem nada do meu corpo, para que, depois de morto, eu não pese a ninguém. Então serei verdadeiramente discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo não vir mais o meu corpo. Suplicai a Cristo por mim, para que eu, com esses meios, seja vítima oferecida a Deus. Não vos dou ordens como Pedro e Paulo, eles eram apóstolos, eu sou um condenado. Eles eram livres, e eu até agora sou um escravo. Contudo, se eu soffro, serei um liberto de Jesus Cristo, e ressurgirei nele como pessoa livre. Acorrentado, aprendo agora a não desejar nada (Inácio aos Romanos 4, 1-3).

Percebe-se que para Santo Inácio a missão nas comunidades deve ser exercida por todos e deve criar uma atmosfera de plena vivência do cristianismo, voltada sempre a oração e com atitudes que demostrem o sentimento de doação total por aqueles que ainda não conheceram a Deus.

2.7 CRISTO, SENTIDO DA VIDA.

No entendimento de Santo Inácio, Jesus Cristo é o caminho que nos leva a Deus Pai. Por Jesus Cristo se resume a vida, a unidade e a missão da Igreja. Expressava sempre com intensa certeza que todos deveriam estar sempre unidos a Cristo. Propagava não somente o mistério pascal, da paixão, morte e ressurreição, mas também a sua encarnação e batismo.

[...] De fato, constatei que sois perfeitos na fé imutável, como que pregados na carne e no espírito à cruz de Jesus Cristo e confirmados no amor do seu sangue. Estai plenamente convencidos de que nosso Senhor é verdadeiramente da descendência de Davi segundo a carne, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de deus, nascido da virgem, batizado por

João, para que toda a justiça fosse cumprida por ele. Ele foi realmente pregado por nós em sua carne, sob Pôncio Pilatos e o tetrarca Herodes. É graças a esse fruto, à sua divina e feliz paixão que nós existimos, a fim de erguer para sempre um estandarte pela ressurreição para os seus santos e fiéis, tanto judeus como pagãos, no corpo único da sua Igreja (Inácio aos Esmirniotas 1, 1-2).

Um ponto forte e debatido por Inácio, foi o docetismo, que negava a realidade carnal de Jesus, contestando o sofrimento por ele sentido na hora da crucificação. “Não sofreu, apenas na aparência, como dizem alguns incrédulos. São eles que existem apenas na aparência” (Inácio aos Esmirniotas 2). Atestou claramente a procedência de Jesus Cristo, “[...] em torno do único Jesus Cristo, que saiu do único Pai e que era único em si e para ele voltou” (Inácio aos Magnésios 7, 2). Expressou sempre com intensidade sua vontade de estar sempre unido a Cristo e de romper todas as barreiras que lhe fossem impostas.

[...] Que nada de visível e invisível, por inveja, me impeça de alcançar Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamentos de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo, que os piores flagelos do diabo caíam sobre mim, com a única condição de que eu alcance Jesus Cristo (Inácio aos Romanos 5, 3).

Santo Inácio manifestou de forma ampla e clara, assegurando firmemente que aquilo que faz sentido nesta vida e a razão de estarmos ainda neste mundo sejam uma só: “[...] que nos encontremos em Jesus Cristo para entrar na vida verdadeira” (Inácio aos Efésios 11, 1). Expressou de forma sincera que o poder nesta terra não tem valor “[...] é melhor morrer para Cristo Jesus do que ser rei até os confins da terra” (Inácio aos Romanos 6, 1). Para Santo Inácio uma condição importante era sempre de refugiar-se “[...] no evangelho como na carne de Jesus e nos apóstolos, como também no presbitério da Igreja” (Inácio aos Filadelfienses 5, 1) externando assim a missão da Igreja de ser a guardiã e portadora da revelação. Um ponto relevante em Santo Inácio foi de aceitar os ensinamentos dos profetas, no entanto, para ele somente o Evangelho contém a vinda de Jesus salvador.

O evangelho, porém, tem algo mais especial: a vinda do Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, sua paixão e ressurreição. De fato, os amados profetas o haviam anunciado, mas o evangelho é a consumação da incorruptibilidade. Tubo é igualmente bom, se acreditardes no amor (Inácio aos Filadelfienses 9, 2).

2.8 CRISTO, E A SUA IGREJA.

Em relação a Igreja, é possível notar com quanta espontaneidade ele se expressava, aos exortar os cristãos e quanto respeito ele nutria pela esposa de Cristo. “À Igreja digna de ser chamada feliz, [...] as melhores saudações em Jesus Cristo numa alegria irrepreensível” (Inácio aos Efésios, prólogo), capaz de agrupar “tanto judeus como pagãos, no corpo único da sua Igreja” (Inácio aos Efésios Esmirniotas 1, 2).

Ao fazer saudação aos Efésios, destacou a importância da Igreja, obra de Deus e de Jesus Cristo, como uma Igreja cuja identidade se funde com a encarnação de Cristo, universal, representada sempre na pessoa do bispo com a unidade dos presbíteros, diáconos e fiéis.

[...] à Igreja que foi grandemente abençoada com a plenitude de Deus Pai, predestinada antes dos séculos para existir sempre, para uma glória que não passa, inabalavelmente unida, escolhida na paixão verdadeira, pela vontade do Pai e de Jesus Cristo, nosso Deus (Inácio aos Efésios, prólogo).

2.9 A RESSURREIÇÃO DA CARNE

Tendo em vista as exortações de Santo Inácio, podemos constatar, sua preocupação ao advertir os cristãos sobre a salvação da alma, e de recordar-lhes o que deveriam praticar para que não fossem condenados ao fogo eterno. Em várias passagens de suas cartas, adverte ele sobre a importância de ressuscitarmos em Cristo, de conservar nele uma fé viva e manter firme “nossa esperança de ressuscitar para ele” (Inácio aos Tralianos, prólogo).

Ao referir-se à ressurreição, quis Inácio também acentuar que ressuscitar em Cristo é ressuscitar para a vida. Na sua carta direcionada aos de Esmirna, ao fazer referência aos docetistas, evidencia que “seria melhor para eles praticarem o amor, a fim de ressuscitarem também” (Inácio aos Esmirniotas 7, 1). Santo Inácio salienta que a ressurreição é como um acordar nos braços de Jesus Cristo, na “esperança de ressuscitar para Ele” (Inácio aos Tralianos, prólogo).

Ele realmente ressuscitou dos mortos, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós, que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida (Inácio aos Tralianos 9, 2).

2.10 OS INIMIGOS DE CRISTO

Como em todos os tempos, várias foram as provações que os cristãos enfrentaram na sua caminhada terrena. No tempo de Inácio não foi diferente. Algumas provinham do judaísmo. “Se alguém vos interpreta o judaísmo, não os escuteis” (Inácio aos Filadelfienses 6,1). Também existiam os gnósticos e docetas que negavam a verdadeira divindade de Jesus e sua encarnação real. Santo Inácio com bastante eloquência tece um verdadeiro sentido da fé cristã, dando a base a nossa atual profissão de fé, admoestando a todos que todo o centro da nossa vida espiritual se encerra em Jesus Cristo.

Sede portanto, surdos quando alguém vos fala sem Jesus Cristo, da linhagem de Davi, nascido de Maria, que verdadeiramente nasceu, comeu e bebeu, que foi verdadeiramente perseguido sob Pôncio Pilatos, que foi verdadeiramente crucificado e morreu à vista do céu, da terra e dos infernos. Ele realmente ressuscitou dos mortos, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós, que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida (Inácio aos Tralianos 9, 1).

Fazendo uma súplica severa, adverte aos cristãos de permanecerem sempre na doutrina de Deus e dos apóstolos e de continuarem firmes nos ensinamentos de Jesus.

Procurai manter-vos firmes nos ensinamentos do Senhor e dos apóstolos, para que prospere tudo o que fizerdes na carne e no espírito, na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito, no princípio e no fim (Inácio aos Magnésios 13, 1).

2.11 A FORÇA DA ORAÇÃO E DOS SACRAMENTOS

Todo o conteúdo escrito por Santo Inácio em suas epístolas, leva-nos a reconhecer uma grande súplica para que todos os cristãos permaneçam sempre unidos na fé, que sejam sempre solícitos uns para com os outros e principalmente sempre unidos a Cristo por meio de seus sacramentos sobretudo por meio da Eucaristia. Em vários trechos de seus escritos, faz referência a oração comunitária para fortalecimento da fé e a celebração eucarística para o fortalecimento da alma. Participar da celebração eucarística e receber Jesus na Eucaristia, constitui, no pensar de Santo Inácio, que verdadeiramente alguém se tornou cristão, e somente se pode recebe-la dentro da Igreja. “Que ninguém se engane: quem não está junto do altar está privado do pão de Deus” (Inácio aos Efésios 5, 2).

Esforçai-vos para vos reunir mais frequentemente, para agradecer e louvar a Deus. Quando vos reunis com frequência, as forças de satanás são abatidas e sua obra de ruína é dissolvida pela concórdia de vossa fé. Não há nada mais precioso do que a paz, que põe abaixo toda a guerra das potências aéreas e terrestres (Inácio aos Efésios 13, 1-2).

A concepção de Santo Inácio sobre a Eucaristia, leva-os a desejar-la como garantia de salvação, desde que estivessem consciente da responsabilidade em receber Jesus neste sacramento. Em poucas palavras, o santo resume todo o anseio humano de querer viver na graça de Cristo Jesus para sempre.

Sobretudo se o Senhor me revelar que cada um e todos em conjunto, na graça que provém do seu nome, vos reunireis na mesma fé em Jesus Cristo da descendência de Davi segundo a carne, filho de homem e filho de Deus, para obedecer ao bispo e ao presbitério, em concórdia estável, partindo o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver em Jesus Cristo para sempre (Inácio aos Efésios 20, 2).

Para o santo, a Eucaristia, constitui o sinal mais profundo da unidade de Deus para com os homens: “Correi todos juntos como ao único templo de Deus, ao redor do único altar, em torno do único Jesus Cristo” (Inácio aos Magnésios 7,2).

Contudo, reforça seu pensamento recordando que mais importante do que os prazeres deste mundo, prevalece sempre a presença de Jesus por meio dos sacramentos.

Não sinto prazer pela comida corruptível, nem me atraem os prazeres desta vida. Desejo o pão de Deus, que é a carne de Jesus Cristo, da linhagem de Davi, e por bebida desejo o sangue dele, que é o amor incorruptível (Inácio aos Romanos 7, 3).

2.12 A DEFESA DA UNIDADE

A unidade para Santo Inácio estabelece uma particularidade tão sublime capaz de alegrar o céu e a terra. Suas exortações são capazes de fazer uma comparação da unidade com a mais bela orquestra, totalmente afinada, tecendo notas, capaz de arrancar suspiros da alma.

A partir de cada um, que vos torneis um só coro, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o tom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossa boas obras, como membros do seu Filho. É proveitoso, portanto, que estejais em unidade inseparável, a fim de sempre participar de Deus (Inácio aos Efésios 4, 2).

Em suas cartas, observamos Santo Inácio enfrentar as heresias que surgiam para desorientar a doutrina, manifestando ardoroso empenho em manter a unidade da Igreja. Esta unidade estabelecida com Deus e com Jesus Cristo, conforme o

santo, se manifesta na unidade à Igreja de Cristo. “Preocupa-te com a unidade, acima da qual nada existe de melhor” (Inácio aos Policarpo 1,2). Reconhece como sendo sua, a missão de estabelecer a unidade, “[...] pois Deus prometeu a unidade, que é ele mesmo” (Inácio aos Tralianos 11, 2).

Honrado com o nome do esplendor divino, nessas cadeias que ora carrego, eu canto para as Igrejas e desejo-lhes a união na carne e no espírito de Jesus Cristo, nossa eterna vida; união na fé e no amor, ao qual nada é preferível, e, o que é mais importante, união com Jesus Cristo e o Pai (Inácio aos Magnésios 1, 2).

Também o Espírito Santo de Deus se manifestou a Santo Inácio. Ao escrever ao Filadelfienses, exortou-os a permanecerem firmes na unidade com o bispo, com a Igreja, sendo imitadores de Cristo e guardando o corpo como templos de Deus.

Foi o Espírito que me anunciou, dizendo: Não façais nada sem o bispo, guardai vosso corpo como templo de Deus, amai a união, fugi das divisões, sede imitadores de Jesus Cristo, como ele também o é de seu Pai (Inácio aos Filadelfienses 7, 2).

O próprio santo dedicou sua vida em favor da unidade. “Fiz tudo o que está em mim como homem que age pela unidade” (Inácio aos Filadelfienses 8,1). Encorajou aos seus, que “[...] a todos que se arrependem, o Senhor perdoa, se se arrependem para a unidade de Deus” (Inácio aos Filadelfienses 8,1). Para Inácio, o que realmente importava, e que todos os cristãos, levassem uma vida segundo o que ensinou Jesus Cristo, manifestando a pertença real de Deus, por meio da unidade à verdadeira Igreja.

Com efeito, todos aqueles que são de Deus e de Jesus Cristo, esses estão também com o bispo. Aqueles que, arrependendo-se, vierem para a unidade da Igreja, serão também de Deus, para que sejam vivos segundo Jesus Cristo (Inácio aos Filadelfienses 3, 2).

2.13 O EXERCÍCIO DA CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

É certo que na antiguidade, a situação das viúvas, órfãos, exilados e prisioneiros era bastante sofrida. Também era característico em Santo Inácio estar atento à situação de todos aqueles que sofriam nas mãos dos poderosos. Nessa perspectiva é muito singular a admoestação que o santo, em seus escritos, dirigiu ao bispo Policarpo; para que “não deixais de atender às viúvas; depois do Senhor, és tu que deves cuidar delas” (Inácio aos Policarpo 4, 1).

Ao escrever aos Esmirniotas, pediu que se retirassem de perto dos que se comportam “[...] opostos ao pensamento de Deus”, e também fugissem daqueles

que “não se preocupam com o amor, com a viúva, com o órfão, com o oprimido, com o prisioneiro ou liberto, com o faminto ou sedento” (Inácio aos Esmirniotas 6, 2).

Ao jovem bispo Policarpo, o santo, escreveu rogando-lhe “a apressares tua corrida e exortar a todos, para que sejam salvos” (Inácio a Policarpo 1, 2), demonstrando assim sua aflição pela salvação de todos. Estimulou o amado bispo a estar sempre preocupado com a salvação daqueles que estando a sua volta, ainda não compreendem o verdadeiro amor de Cristo e que cada um merece uma atenção especial, pois “nem toda a ferida se cura com o mesmo emplastro” (Inácio a Policarpo 2, 1).

3. ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NOSSA FÉ

Para confirmar o pensamento de Santo Inácio com o mundo hodierno, no que diz respeito a nossa fé, precisamos desenvolver nosso raciocínio utilizando as fontes da revelação divina – Sagrada Escritura e Tradição - do magistério da Igreja e de grandes autores deste século, comprovando que sua linha de raciocínio ainda continua viva também nos dias de hoje.

Inácio ao escrever aos Tralianos, inflamado de amor a Jesus Cristo, contribuiu em boa parte, para a formação do conteúdo da nossa profissão de fé.

Sede, portanto, surdos quando alguém vos fala sem Jesus Cristo, da linhagem de Davi, nascido da Maria, que verdadeiramente nasceu, que comeu e bebeu, que foi verdadeiramente perseguido sob Pôncio Pilatos, que foi verdadeiramente crucificado e morreu à vista do céu, da terra e dos infernos. Ele realmente ressuscitou dos mortos, pois o seu Pai o ressuscitou, e da mesma forma o seu Pai ressuscitará em Jesus Cristo também a nós, que nele cremos e sem o qual não temos a verdadeira vida (Inácio aos Tralianos 9, 1-2).

Bastante característico em Santo Inácio, foi principiar na mentalidade dos cristãos do seu tempo, uma centelha do amor de Deus, para que cada um a pudesse alimentar mais e mais e assim transformá-la em uma grande chama, capaz de irradiar o mais nobre sentimento de pertença a Deus.

Um aspecto bastante explícito nos escritos do santo refere-se a unidade, seja ela com Deus Pai, com Jesus Cristo, com o Espírito Santo, com a Igreja e com todos os cristãos. Tal unidade, em sentido amplo, se traduz na comunhão, ou na comum união de todos os filhos de Deus, pois todos os cristãos são gerados por um mesmo Espírito. Utilizando-se de João 17, 21, que expressa “a fim de que todos sejam um” devemos entender que a unidade acontece de fato quando participamos diretamente da comunhão de amor que nos une a Cristo, presente no sacramento da Eucaristia, o que torna possível entender que o próprio Deus, também se une a nós “para que sejam um, como nós somos um: Eu neles e tu em mim” (Jo 17, 23). De fato, a verdadeira unidade se realiza, quando como cristãos compreendemos que somente em Deus Pai devemos permanecer.

O venerável bispo Fulton Sheen, escreveu que é “evidente [...] lembrar o homem que sua suficiência não vem de si mesmo” (Sheen, 2015, p. 345) mas, quando compreendemos e sentimos a necessidade de estar constantemente em sintonia com Deus e com os irmãos.

O Decreto *Unitatis Redintegratio*, do Papa Paulo VI, evidencia que a reintegração da unidade entre todos os cristãos foi um dos objetivos do Concílio Vaticano II (cf. próêmio) e também que “Jesus instituiu o sacramento da Eucaristia, onde a unidade da Igreja é significada e realizada” (cap. 1, 2). Diz ainda:

Assim a Igreja, único rebanho de Deus, como sinal erguido entre as nações, ministrando o Evangelho da paz a todo o gênero humano, peregrina em esperança rumo à pátria suprema.

Este é, em Cristo e por Cristo, o sagrado ministério da unidade da Igreja, cuja variedade de ministérios é obra do Espírito Santo. Deste mistério é modelo supremo e princípio a unidade de um Deus na Trindade de pessoas, Pai e Filho no Espírito Santo (UR, 1964, cap I, 2).

Assim como o Pai está unido ao Filho e o Filho está unido ao Pai, também todos os cristãos devem viver unidos entre si. Viver em união com os irmãos na fé, é a manifestação de que o cristão quer manter-se em união com Deus. Jesus foi categórico e deixou a todos os cristãos o seu desejo: “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós”, e complementa dizendo: “Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade” (Jo 17, 21-23). São Paulo dirigindo-se aos Efésios exortou-os a perseverarem sempre na unidade.

Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamado: com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos (Efésios 4, 1-6).

A Igreja atenta ao desejo de Jesus sobre a unidade, no missal romano, elaborou três formulários de missa, próprios para celebrar a unidade dos cristãos e também na liturgia das horas, encontramos nas intercessões das vésperas do domingo e da segunda-feira da primeira semana; da quarta-feira da terceira semana e nas invocações das laudes da quarta-feira da quarta semana, preces em louvor à unidade dos cristãos. “Congregai na unidade os que tem o nome de cristãos” (LITURGIA DAS HORAS VOL. III, 2000, p. 638). Para fortalecer o tema da unidade a Igreja estabeleceu a semana de oração pela unidade dos cristãos, que acontece geralmente próximo à solenidade de Pentecostes.

O Papa Francisco em suas tradicionais catequese, destacou que a Igreja é um corpo vivo, cuja cabeça é Jesus Cristo. Ao lembrar São Paulo em sua conversão, o pontífice destacou que esta ação mostra o quão intensa é a união

entre os cristãos e Jesus Cristo. Enfatizou também que ao mesmo tempo em que o Espírito Santo distribui riqueza de dons e carismas e que os cristãos devem vencer os conflitos por meio da comunhão e da unidade.

Recordemos bem: ser parte da Igreja quer dizer estar unido a Cristo e receber Dele a vida divina que nos faz viver como cristãos, quer dizer permanecer unido ao Papa e aos Bispos, que são instrumentos de unidade e de comunhão, e quer dizer também aprender a superar personalismos e divisões, a compreender-se mais, a harmonizar as variedades e as riquezas de cada um; em uma palavra, a querer sempre bem a Deus e às pessoas que estão ao nosso lado, na família, na paróquia, nas associações. Corpo e membros para viver devem estar unidos! A unidade é superior aos conflitos, sempre! Os conflitos se não se dissolvem bem, separam-nos entre nós, separam-nos de Deus. O conflito pode ajudar-nos a crescer, mas também pode dividir-nos. Não caminhemos na estrada das divisões, das lutas entre nós! Todos unidos, todos unidos com as nossas diferenças, mas unidos, sempre: este é o caminho de Jesus. A unidade é superior aos conflitos. A unidade é uma graça que devemos pedir ao Senhor para que nos liberte das tentações das divisões, das lutas entre nós, dos egoísmos, das fofocas (Francisco, Papa. audiência geral. 19/07/2013).

Santo Inácio ressaltou com insistência que fé e caridade são os dois pilares fundamentais da vida do verdadeiro discípulo “[...] se tiverdes, em Jesus Cristo, fé e amor totais, que são o começo e o fim da vida: o começo é a fé, e o fim é o amor” e complementando acrescentou que “os dois juntos são de Deus, e tudo o mais, que se refere a perfeição e santidade, os seguem” (Inácio aos Efésios 14, 1-2).

PINCKAERS (2015, p.103), realçou que a raiz de tudo é a fé em Cristo, apontando que “a fé em Cristo marca o ponto inicial da nova lei dentro de nós”. Paralelo ao pensamento de Santo Inácio sobre a fé, Pinckaers fazendo referência a Jesus escreveu:

Por meio dos laços pessoais que a fé e o amor iniciam, estabelece uma comunhão espiritual tão próxima entre Si e os discípulos que São Paulo apresentará a vida do cristão como uma vida em Cristo (PINCKAERS 2015, p. 104).

Hodierno o mundo que vivemos, criou-se na mentalidade dos cristãos, a ideia de que a fé é simplesmente crer em algo que não se pode ver. Novamente Pinckaers, complementa:

Ter fé não significa, como quer parecer hoje em dia, uma mera opinião sobre a vida ou uma adesão mental a um credo. A fé é um ato vital; relaciona uma pessoa com outra para sempre. Dessa forma, o casamento está arraigado num ato de fé entre os esposos, ligados por seu amor, e comporta certa compreensão de um futuro comum, o que é, em certo sentido, profético. Do mesmo modo, cada decisão frutuosa, quer no campo pessoa, quer no campo político ou mesmo artístico, deriva de um ato de fé numa certa ideia que inspira e guia o trabalho à sua completude. Nenhuma ciência, propriamente entendida, pode produzir a intuição da fé. Trata-se de um conhecimento que pertence a uma ordem diferente. A fé – ligada à vida

e ao amor na sua aparição – torna-se regra interior que guia as ações criativas e construtivas de alguém. Ela origina a esperança, que dá energia à vida. A fé em Cristo, portanto, é como uma lei interior capaz de construir a vida moral do cristão (PINCKAERS 2015, p. 104).

Quanto aos sacramentos, mais precisamente ao sacramento da Eucaristia, Santo Inácio, sempre exortou aos cristãos para que estivessem sempre preocupados “em participar de uma só Eucaristia” (Inácio aos Filadelfienses 4, 1).

ARINZE (2014, p. 23) ensina que “a santa Eucaristia é o mistério da fé, em que Cristo é o sumo sacerdote”, e complementa dizendo que “a Eucaristia une céu e terra e nos chama a dar uma resposta de fé ativa”.

Na carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, do sumo pontífice João Paulo II ao escrever aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. Na introdução diz que “a Igreja vive da Eucaristia” e isto “não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja” (EC, 2003, n. 1).

Tendo como base a grande força da Eucaristia de nos preparar para a missão, na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* o Papa João Paulo II, acrescenta

A Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo (EC, 2003, n. 22).

Reforçando ainda o quão importante é a Eucaristia em nossa vida, o Papa João Paulo II na carta apostólica *Mane Nobiscum Domine* reforçou sobre que sem a Eucaristia e um encontro com Cristo.

O encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar. [...] é necessário que cada fiel assimile, na meditação pessoal e comunitária, os valores que a Eucaristia exprime, as atitudes que ela inspira, os propósitos de vida que suscita (MND. 2004. n. 24 e 25).

O Papa Bento XVI na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* descreveu que a Eucaristia é dom gratuito da Santíssima Trindade e nos comunica a própria vida divina.

Na Eucaristia, revela-se o desígnio de amor que guia toda a história da salvação (Ef 1, 9-10; 3, 8-11). Nela, o Deus-Trindade (Deus Trinitas), que em Si mesmo é amor (1 Jo 4, 7-8), envolve-Se plenamente com a nossa condição humana. No pão e no vinho, sob cujas aparências Cristo Se nos dá na ceia pascal (Lc 22, 14-20; 1 Cor 11, 23-26), é toda a vida divina que nos alcança e se comunica a nós na forma do sacramento: Deus é comunhão perfeita de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Já na criação, o homem fora chamado a partilhar, em certa medida, o sopro vital

de Deus (Gn 2, 7). Mas, é em Cristo morto e ressuscitado e na efusão do Espírito Santo, dado sem medida (Jo 3, 34), que nos tornamos participantes da intimidade divina. Assim Jesus Cristo, que pelo Espírito eterno Se ofereceu a Deus como vítima sem mancha (Heb 9, 14), no dom eucarístico comunica-nos a própria vida divina. Trata-se de um dom absolutamente gratuito, devido apenas às promessas de Deus cumpridas para além de toda e qualquer medida. A Igreja acolhe, celebra e adora este dom, com fiel obediência. O mistério da fé é mistério de amor trinitário, no qual, por graça, somos chamados a participar (SC, 2007, n. 8).

O Papa Francisco em suas catequeses na praça São Pedro faz referência ao grande valor da Eucaristia e de estarmos totalmente unidos à santa Igreja.

A Eucaristia constitui o apogeu da obra de salvação de Deus: com efeito, fazendo-se pão partido para nós, o Senhor Jesus derrama sobre nós toda a sua misericórdia e todo o seu amor, a ponto de renovar o nosso coração, a nossa existência e o nosso próprio modo de nos relacionarmos com Ele e com os irmãos. [...] E com a Eucaristia sentimos esta pertença precisamente à Igreja, ao Povo de Deus, ao Corpo de Deus, a Jesus Cristo. Nunca compreenderemos todo o seu valor e toda a sua riqueza. (Francisco, Papa. audiência geral. 05/02/2014).

Santo Inácio por diversas vezes demonstrou aos cristãos que o bispo tem um papel fundamental na direção da Igreja por acreditar que ele “ocupa o lugar de Deus” (Inácio aos Magnésios 6,1) e motivou-os a não fazer nada sem o bispo (cf. Inácio aos Magnésios 7, 1). Também realçou o sentido da submissão dos homens ao bispo, quando o comparou a Cristo que morreu por todos (cf. Inácio aos Tralianos 2, 1).

RATZINGER (2013, p. 224), ao descrever a etimologia da palavra bispo, citando textos da sagrada escritura nos livros de São Pedro e de São Paulo concluiu que “a palavra bispo continua a tradição do pastor bíblico; admoesta o portador desse cargo a seguir o bom pastor, Jesus Cristo, que lhe é dado como modelo” e que,

Isso significa cuidado, vigilância, conservar o todo unido no seguimento da voz do Senhor; significa responsabilidade para com a união e para com o fato de que esta se funda em Cristo; finalmente, significa a oposição ao mercenário que procura a sua vantagem, enquanto o pastor verdadeiro se empenha pelo bem do rebanho, da Igreja (RATZINGER, 2013, p. 225).

Recordando ainda sobre a tarefa dos cristãos quanto à união ao bispo e ao termo ‘católica’, RATZINGER (2013, p. 226), lembra que,

a tarefa de cada cristão, também, se esclarece daqui, pois a catolicidade que está incorporada no bispo está relacionada com cada um e só pode ganhar significação prática, quando cada um contribui para ela. Ela exige que na nossa fé estejamos sempre abertos em toda a parte para os outros.

Santo Inácio foi claro ao afirmar que os cristãos devam se preocupar em “participar de uma só Eucaristia” (Inácio aos Filadelfienses 4, 1) e reconhecendo

claramente que “onde aparece o bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja católica” (Inácio aos Esmirniotas 8, 1), pode-se formalizar o mesmo em RATZINGER (2013, p. 226) ao estabelecer que

a Igreja faz valer sua catolicidade até o centro da liturgia eucarística, quando faz que cada comunidade, celebrando a Eucaristia, se lembre do bispo do lugar e do sucessor de São Pedro, o Papa, unindo a eles, ao mesmo tempo, a memória de todos os crentes antes de nós e ao nosso redor. Isso significa que a Eucaristia não é nunca a celebração particular do lugar ou de determinado círculo, mas sempre tem a característica do universal, da Igreja total.

Aos romanos Santo Inácio manifestou com firmeza sua intenção ao martírio. Sua determinação é sentida, ao pronunciar-se a todos que de boa vontade morreria por Deus e portanto que ninguém o impedissem (cf. Inácio aos Romanos 4, 1). E assim expressou: “Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus”, prossequindo proferiu “Sou trigo de Deus, e serei moído pelos dentes das feras, para que me apresente como trigo puro de Cristo” (Inácio aos Romanos 4, 1). A essência da doutrina de Jesus Cristo pode ser resumida com estas rigorosas palavras: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9, 23), e foi este o caminho percorrido por Santo Inácio rumo ao seu martírio.

O Papa Bento XVI, ao lembrar de Santo Inácio, na Audiência Geral do dia 14 de março de 2007, relembrou que

o realismo de Inácio convida os fiéis de ontem e de hoje, [...] a uma síntese progressiva entre configuração com Cristo (união com Ele, vida n’Ele) e dedicação à sua Igreja (unidade com o bispo, serviço generoso à comunidade e ao mundo). [...] É necessário alcançar uma síntese entre comunhão da Igreja no seu interior e missão proclamação do Evangelho para os outros, até quando, através de uma dimensão de manifeste a outra, e os crentes possuam cada vez mais aquele espírito indiviso que é o próprio Jesus Cristo (BENTO XVI, 2012, p. 19).

Diante de tudo exposto até aqui, é conveniente afirmar o que é irrefutável: o pensamento de Santo Inácio, continua explicitamente ativo, e suas exortações se traduzem no mais piedoso modelo de vida a ser seguido pelos cristãos de hoje. A graça de Deus é maior que todas as fraquezas do cristão. A vida do cristão se traduz em estar a serviço de Deus em benefício dos irmãos. A comunhão para o qual Deus nos criou é viver o agora, segundo os ensinamentos de Jesus Cristo.

São Josémaria Escrivá, ao exortar os fiéis na sexta-feira santa do ano de 1960, também ensinou sobre o comportamento dos cristãos perante a fé católica, em que muito se parecem com as exortações de Santo Inácio.

Ser cristão não é título de mera satisfação pessoal: tem nome - substância - de missão. Já antes recordávamos que o Senhor convida todos os cristãos a serem sal e luz do mundo.

[...]

Ser cristão não é algo de accidental; é uma divina realidade que se insere nas entranhas da nossa vida, dando-nos uma visão límpida e uma vontade decidida de agir como Deus quer. Aprende-se assim que a peregrinação do cristão pelo mundo tem que se converter num contínuo serviço, prestado de modos muito diversos, conforme as circunstâncias pessoais, mas sempre por amor a Deus e ao próximo.

É a fé em Cristo - morto e ressuscitado, presente em todos e cada um dos momentos da vida - que ilumina as nossas consciências, incitando-nos a participar com todas as forças nas vicissitudes e nos problemas da história humana.

Seguir Cristo não significa refugiar-se no templo, encolhendo os ombros perante a evolução da sociedade, perante os acertos ou as aberrações dos homens e dos povos. Muito pelo contrário, a fé cristã leva-nos a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar, portanto, tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus, e a admirar o dom especialíssimo da liberdade, que nos faz donos dos nossos próprios atos e nos permite - com a graça do céu - construir o nosso destino eterno.

A [...] vida cristã encontra o seu sentido em Deus. Os homens não foram criados apenas para edificar um mundo o mais justo possível; para, além disso, fomos estabelecidos na terra para entrar em comunhão com o próprio Deus.

[...]

O Senhor [...] espera dos cristãos que vivam de tal maneira que os que estão em contato conosco percebam, por cima das nossas próprias misérias, erros e deficiências, o eco do drama de amor do Calvário. [...] O cristão é sal e luz do mundo, não porque vence ou triunfa, mas porque dá testemunho do amor de Deus; e não será sal se não servir para salgar; não será luz se, com o seu exemplo e com a sua doutrina, não oferecer um testemunho de Jesus, se perder o que constitui a razão de ser da sua vida.

[...]

Perante a cruz, dor de nossos pecados, dos pecados da humanidade, que levaram Jesus à morte; **fé**, para aprofundarmos nessa verdade sublime que ultrapassa todo o entendimento, e para nos maravilharmos ante o amor de Deus; **oração**, para que a vida e a morte de Cristo sejam o modelo e o estímulo da nossa vida e da nossa entrega. Só assim nos chamaremos vencedores; porque Cristo ressuscitado vencerá em nós, e a morte se transformará em vida. (ESCRIVÁ, 2014, p. 162-167).

Os mártires exteriorizavam em suas vidas o verdadeiro sentido do amor: renunciavam a si mesmo em sacrifício dos outros, externando sentimentos de amor por Deus Pai, seguindo os passos de Deus Filho, segundo a ação do Deus Espírito Santo, em favor da verdadeira Igreja. Também, assim pensou Santo Inácio:

Passai bem em Jesus Cristo, submissos ao bispo como ao mandamento, e igualmente ao presbitério. Todos, individualmente, amai-vos uns aos outros, de coração não dividido. Meu espírito se sacrifica por vós, não somente agora, mas também quando eu chegar a Deus. [...] o Pai é fiel, em Jesus Cristo, para atender minha oração que é vossa. Que sejais encontrados nele sem reprovação (Inácio aos Tralianos 13, 2-3).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que Santo Inácio de Antioquia escreveu em suas cartas no segundo século, se estendeu até os dias de hoje e é bastante atual o teor dos seus escritos. A riqueza contida em suas exortações revelam-nos com grande intensidade sua fé e sua caridade, seu amor ardente por Jesus e seu incansável serviço a Igreja. Trazia em seu nome, a bagagem de todo o seu apostolado; o portador de Deus, sempre presente no início de suas cartas. Após ser batizado, aplicou como sentença à sua nova vida, o desejo de que todos fossem salvos. Ao escrever suas exortações, carregadas de estímulo e motivação, deixou transparecer informações preciosas sobre a vida dos cristãos, os problemas que enfrentavam e a condição estrutural da Igreja no início do segundo século.

Demasiadamente apaixonado por Jesus, demonstrando um profundo sentido de unidade e disciplina da Igreja, Santo Inácio constantemente repetia que a nossa vida só tem sentido em Jesus Cristo e fora dele à vida não é verdadeira. Incentivou os cristãos a serem discípulos de Cristo e imitá-lo também nos seus sofrimentos até o fim da vida e que a salvação nos foi dada pela morte de Cristo. A vontade de unir-se a Cristo fez com que Inácio suplicasse aos cristãos de Roma que não impedissem o seu martírio para alcançar esta graça (cf. Inácio aos Romanos 4, 1-2).

A vida do bispo de Antioquia foi intensa e fielmente dedicada ao serviço à Igreja de Cristo. Ele que desejou morrer para viver eternamente unido ao seu Senhor, preocupou-se também que todos os demais, pudessem alcançar esta graça. Sua autoridade não se baseia somente no conselho às Igrejas no seu ofício de bispo, mas tem princípio na imitação de Jesus Cristo até alcançarmos a morte por amor a Ele.

A determinação de Inácio em unir-se a Cristo, fez com ele compreendesse que o verdadeiro amor deve resultar na entrega ao serviço da comunidade e na doação de si mesmo aos cristãos, pois “um cristão não tem poder sobre si mesmo, mas está livre para servir a Deus” (Inácio a Policarpo 7, 3). Escreveu aos Esmirniotas que “fé e amor é tudo” (6,1) e aos Efésios diz que “fé e amor totais, são o começo e o fim da vida: o começo é a fé, e o fim é o amor. Os dois juntos são de Deus” (14,1).

Ao escrever ao bispo Policarpo o bispo de Antioquia advertiu-o para que não cessassem as orações (cf. Inácio a Policarpo 3, 3). Com este gesto demonstrou que a

oração era prioridade na sua vida, iluminava a escuridão do seu caminho e era o sustento que lhe proporcionava estímulo para o serviço e o testemunho aos cristãos. Ele se autodenominou Teóforo (cf. Inácio aos Efésios, saudação) o portador de Deus, e durante o caminho do seu martírio exortou aos cristãos para que trouxessem de Deus em seus corações e seguissem os passos de Cristo.

Inácio de Antioquia ao assumir as características de um verdadeiro cristão, pregou sobre a importância que tem em vivermos em sintonia com os sacramentos da Igreja. Apaixonado por Cristo; aos Efésios evidenciou que a Eucaristia é como um “remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas para viver em Jesus Cristo para sempre” (Inácio aos Efésios 20, 2) e aos Romanos declarou que o seu desejo era “o pão de Deus, que é a carne de Jesus Cristo [...] e por bebida desejo o sangue dele, que é amor incorruptível” (Inácio aos Romanos 7, 3).

A Eucaristia é para Inácio a própria carne de Jesus Cristo, que verdadeiramente nasceu da virgem Maria, foi batizado no Jordão por São João Batista, sofreu e foi crucificado, morreu e foi sepultado ainda no governo de Pôncio Pilatos; ressuscitou ainda no terceiro dia, segundo a vontade de Deus que é pai. Inácio dedicou sua vida em desfavor daqueles que não aceitavam que Jesus se encarnou e assumiu as características humanas, viveu a nossa vida e por nós morreu – “Eles se afastam da eucaristia e da oração, porque não professam que a eucaristia é a carne de nosso salvador Jesus Cristo” (Inácio aos Esmirniotas 7, 1).

Santo Inácio de Antioquia sempre esteve preocupado em ser exemplo de vida a serviço de Cristo, de modo que pudesse estar sempre ao alcance dos cristãos. Apoiando-se na experiência de se tornar mártir, oferecia a todos um modelo capaz de nortear os cristãos ao fortalecimento da fé, tendo como conceito básico a ideia de que o homem por sua própria força de vontade pudesse ser santo. O desejo de assemelhar-se a Cristo, foi o estímulo inicial para que ele pudesse percorrer o caminho da santidade.

Depois de tudo o que foi exposto acima, podemos concluir que os escritos de Santo Inácio de Antioquia em suas exortações continuam ativos e facilmente se traduzem em lições de vida para os dias atuais. Se compreendêssemos os verdadeiros valores e ensinamentos da santa Igreja Católica Apostólica Romana, sem a qual se torna difícil a salvação, esforçaríamos mais em desprender nosso ser deste mundo e retornaríamos ao convívio com Deus e aos irmãos segundo a doutrina e a tradição da santa mãe Igreja.

REFERÊNCIAS

APOSTÓLICOS, Padres / [Introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. — São Paulo: Paulus, 1995.— 7ª reimpressão – 2015. (Coleção Patrística – Vol. 01).

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. Uma história que não é contada. 10ª ed São Paulo: Ed. Cleofas. 2014.

ARINZE , Cardeal Francis – Celebrando a Santa Eucaristia, 1ª edição, São Paulo: Cedet, 2014

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* de sua Santidade Bento XVI sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Vaticano. 2007.

_____. Os Padres da Igreja I – De Clemente Romano a Agostinho. Editora Ecclesiae. Copyright by CEDET. Tradução: L'Osservatore Romano. Impresso no Brasil, Abril de 2012.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

COSTA, Padre Françoá Rodrigues Figueiredo. Apostila de estudos pessoais sobre Patrística para a turma de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis – 2014.

ESCRIVÁ DE BALAGUER, São Josémaria. É Cristo que passa – Homilias. 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2014.

EUSÉBIO, Bispo de Cesareia. História Eclesiástica; tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria de Cristo. — São Paulo: Paulus, 2000.— (Coleção Patrística – Vol. 15).

FRANCISCO, Papa. AUDIÊNCIA GERAL, Praça de São Pedro. Vaticano. 19 de Junho de 2013. Disponível em: www.vatican.va.

_____. AUDIÊNCIA GERAL, Praça de São Pedro. Vaticano. 5 de Fevereiro de 2014, Disponível em: www.vatican.va.

HAMMAN, A. Os Padres da Igreja. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

INÁCIO DE ANTIOQUIA et al. Padres Apostólicos. 1ª ed. (1995), São Paulo: Paulus, 7ª reimpressão, 2015.— (Coleção Patrística – Vol. 01).

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* aos Bispos aos Presbíteros e Diáconos às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a

Eucaristia na sua relação com a Igreja. Vaticano. 2003. Disponível em www.vatican.va.

_____. Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine* para o Ano da Eucaristia. Vaticano. 2004. Disponível em www.vatican.va.

LITURGIA DAS HORAS Segundo o rito romano. — Rio de Janeiro, Editoras Vozes, Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 2000.

PAULO VI, Papa. Carta Apostólica *Ad Pascendum* sob a forma de *Motu-Proprio* com a qual se estabelecem algumas normas a respeito da ordem sacra do Diaconado. Vaticano. 1972. Disponível em www.vatican.va.

_____. Constituição Dogmática *Lúmen Gentium* sobre a Igreja. Vaticano. 1964. Disponível em www.vatican.va.

_____. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo. Vaticano. 1964. Disponível em www.vatican.va.

PINCKAERS, Servais Théodore. A moral católica. 1ª ed. — São Paulo: Quadrante, 2015.

RATZINGER, Joseph. Dogma e anúncio. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.

SEEANNER, Padre Paulus. Apostila de estudos pessoais sobre os Evangelhos Sinóticos para a turma de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis – 2013.

_____. Apostila de estudos pessoais sobre os Corpus Paulinum para a turma de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis – 2014.

SHEEN, Fulton. Vale a pena viver. 1ª ed. — São Paulo: Ed. Molokai. 2015.

VATICANO II: mensagens, discursos e documentos / tradução Francisco CATÃO. — 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 – 3ª reimpressão, 2013.